

Governo admite ao FMI que a renda vai cair

Inflação e estagnação econômica criam uma combinação mortal para os ganhos do trabalhador

LU AIKO OTTA

BRASÍLIA – No primeiro ano do governo do PT, a renda média real do trabalhador vai cair. A constatação – explicada basicamente pela alta da inflação motivada pela desvalorização cambial e pelas incertezas geradas pela perspectiva de guerra contra o Iraque – já foi incorporada ao cenário básico apresentado ao Fundo Monetário Internacional (FMI) pelo governo.

“Haverá queda na renda real, são favas contadas”, disse o ex-secretário de Política Econômica Edward Amadeo, da Tendências Consultoria Integrada. “É o preço a ser pago pela ambigüidade do PT no passado.” Segundo ele, a alta do câmbio e do risco Brasil são produtos de idéias defendidas até há não muito tempo pelos atuais integrantes do governo.

Amadeo acredita que essa situação pode ser resolvida se houver perseverança nas políticas que o governo vem adotando. O ex-secretário avalia que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva “tem capital político” para manter o rumo escolhido, apesar da impopularidade de medidas como alta dos juros e aperto nas contas públicas.

“Temos uma combinação mortal atuando sobre a renda: estagnação econômica e inflação”, avaliou o professor Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A atividade econômica morna, afirma ele, manterá o mercado de trabalho pouco aquecido. Com isso, o trabalhador terá menos força para negociar reajustes salariais e recompor parte da renda desgastada pela inflação.

Segundo a economista Zeina Latif, do BBV Banco, o nível de atividade mostrou algum movimento de recuperação em dezembro e janeiro, mas está perdendo o fôlego. “A economia está andando de lado.” O resultado é que as perspectivas de expansão do mercado de trabalho ficam em banho-maria. “Se o empresariado estivesse mais confiante, essa tendência poderia ser refreada”, diz. “Não há perspectiva de que o emprego cresça significativamente e há pouca condição de o trabalhador obter ganho real em relação à inflação elevada que teremos neste ano”, reforça o economista Odair Abate, do Lloyds TSB.

Na opinião unânime dos especialistas ouvidos pelo Estado, porém, a equipe econômica de Lula está agindo corretamente. “O governo tem de dançar conforme a música, e não tem acesso ao toca-discos”, comprou Marcelo Néri. Para Amadeo, o arsenal usado pelo governo até agora “é adequado”.

A grande questão, lembra Odair Abate, é quanto tempo um presidente do PT, eleito numa onda de esperança de melhoria, continuará bancando uma política que, até agora, só o levou a adotar medidas amargas. O economista acredita que o presidente “agüenta o tranco” por um ano ou dois, tempo suficiente para a economia melhorar e as fontes de frustração desaparecerem.

Essa equação poderia ser menos difícil de fechar se as políticas sociais do governo estivessem mostrando resultados, diz Néri. “A grande surpresa do PT é que não houve surpresas na área econômica. E a política social, que simbolicamente é importante, está mal conduzida.”

Mais do que a frustração quanto à renda do assalariado, Amadeo ressalta que Lula corre o risco de desgastar seu capital político pela forma como está conduzindo as reformas. “O processo de consulta aberta, como se estivessem o tempo todo medindo a temperatura para ver o que é politicamente possível, pode começar a minar as bases dos principais ativos que o governo tem, que são a popularidade do presidente e a qualidade da política econômica.”